

O PROBLEMA DO PSICOLOGISMO NAS OBRAS *INVESTIGAÇÕES LÓGICAS* E *FILOSOFIA DA ARITMÉTICA* DE EDMUND HUSSERL

Carlos Eduardo de Carvalho Vargas – PUC/PR

Resumo

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma breve introdução ao psicologismo. Baseando-se na obra *Investigações Lógicas* de Edmund Husserl, o autor distingue os limites teóricos entre a Psicologia e a Matemática. Os psicologismos criticados por Husserl são analisados a partir das interpretações husserianas de Barry Smith, Evert Beth e Theodor de Boer. Para analisar os psicologismos nas obras *Investigações Lógicas* e *Filosofia da Aritmética*, apresenta-se um breve *status quaestionis* dos debates sobre este problema psicologista desde as primeiras críticas fregeanas até as contribuições de pesquisadores como Spiegelberg, Beth, Miller, Dahlstrom, Rollinger e Moura. As respostas a estas perguntas esclarecem diversos pontos das filosofias da lógica e da matemática, como, por exemplo, a questão do status científico da análise matemática ou da lógica.

Palavras chaves: Husserl, psicologismo, lógica.

Abstract

This research aims to present a short introduction to psychologism. Established on the Husserl's *Logical Investigations*, the author distinguishes between the theoretical limits of Psychology and Mathematics. The psychologisms criticized by Husserl are analysed with the husserlian interpretations of Barry Smith, Evert Beth and Theodor de Boer. To analyse the psychologism in the works *Logical Investigations* and *Philosophy of Arithmetic*, the author presents a short *status quaestionis* of the discussions about the issue, since the firsts fregeans critics to the contributions of researchers as Spiegelberg, Beth, Miller, Dahlstrom, Rollinger and Moura. The answers to this questions elucidate various topics on the philosophies of logic and mathematics, as for example, the matter of the mathematical analysis or logic's scientific status.

1 UMA INTRODUÇÃO AO PSICOLOGISMO

Nos prolegômenos da obra “*Logische Untersuchungen*” (*Investigações Lógicas*), Husserl dedica-se a apresentar as principais teses da corrente psicologista¹ e trata de confrontá-las com sua concepção de lógica pura. A questão discutida é se a lógica é uma disciplina teórica, independente, formal, *a priori* e demonstrativa ou se ela é uma disciplina prática, dependente, formal, empírica e indutiva (HUSSERL, 1999a, p. 38). As respostas a essas questões dependem das bases teóricas da lógica e da teoria do conhecimento (HUSSERL, 1922, p. 7-8). Husserl prossegue sistematicamente, abordando passo a passo os principais argumentos psicologistas e obtém como resultado “*ist die Aussonderung einer neuen und rein theoretischen Wissenschaft, welche das wichtigste Fundament für jede Kunstlehre von der wissenschaftlichen Erkenntnis bildet und den Charakter einer apriorischen und rein demonstrativen Wissenschaft besitzt*”² (HUSSERL, 1922, p. 8).

¹ Para uma definição geral de psicologismo, conferir SPIEGLEBERG (1975) e SANTOS (1958, p. 37).

² “É a obtenção de uma ciência nova e puramente teórica, que constitui o fundamento mais importante de toda arte do conhecimento científico e possui o caráter de uma ciência *a priori* e puramente demonstrativa” (tradução livre do autor).

1.1 AS CRÍTICAS DE HUSSERL E FREGE AO PSICOLOGISMO

A crítica de Frege ao psicologismo é anterior à crítica husserliana. Essa aparece no livro *“Os Fundamentos da Aritmética. Um estudo lógico-matemático do conceito”* (1884). Nesta obra, um dos principais objetos da crítica fregeana foi John Stuart Mill: *“he criticized Mill’s crud empirical treatment of the subject of arithmetic”*³ (STYAZHKIN, 1969, p. 264). Mill valoriza sobremaneira o papel da indução no raciocínio lógico. Ao analisar o silogismo, ele escreveu: *“all inferences is from particulars to particulars. General propositions are merely registers of such inferences already made...”*⁴ (MILL, 1867, p. 129). Frege foi um crítico notável de tal posição ao refutar a idéia de que as leis da aritmética procedem da indução.

Na *Filosofia da Aritmética*, obra que Miller catalogou na segunda fase, Husserl não concordou com a posição de Frege segundo a qual a lógica deveria ser fundada apenas na lógica.

*“Worauf Frege es abgesehen hat, ist ganz und gar nicht eine psychologische Analyse des Anzahlbegriffes; nicht von einer solchen erhofft er Aufklärung über die Grundlagen der Arithmetik; ... Und auch sonst spart er nicht na entschiedenen Protesten gegen die vermeintlichen Eingriffe der Psychologie in unser Gebiet. (...) Eine Fundierung der Arithmetik auf eine Folge formaler Definitionen, aus welchen die sämtlichen Lehrsätze dieser Wissenschaft rein syllogistisch gefolgert werden könnten, ist das Ideal Freges”*⁵ (HUSSERL, 1970, p. 118).

E mais tarde, em uma obra da terceira fase, nas *Investigações Lógicas*, Husserl mudou de posição e concordou com o antipsicologismo fregeano: *“Daß ich die prinzipielle Kritik nicht mehr billige, die ich an FREGES antipsychologistischer Position in meiner Philosophie der Arithmetik I. S. 129 -- 132 geübt habe, brauche ich kaum zu sagen”*⁶ (HUSSERL, 1922, p. 169).

Sobre o alcance das críticas ao psicologismo feitas por Husserl nos prolegômenos às *Investigações Lógicas*, já se fez a seguinte afirmação: *“This Prolegomena comprises a devastating critique of all forms of psychologism in philosophy, i. e. of all attempts to conceive the sub-disciplines of philosophy as branches of empirical psychology”*⁷ (SMITH et SMITH, 1995, p. 5). Evert Beth explicou assim o antipsicologismo de Husserl:

“son anti-psychologisme n’est aucunement pas une revolt contre la psychologie ou contre son influence en des domaines différents, il n’est à son origine qu’ une révolte contre l’application de certaines méthodes en psychologie et se manifeste dans une tentative pour établir une psychologie descriptive ou phénoménologique, analogue à la physique et à la chimie phénoménologique telles qu’elles furent propagées par Duhens, Mach, Ostwald et Voigt. Ensuite le besoin de maintenir pour cette psychologie épurée la prétention d’une hégémonie sur les autres domaines scientifiques a obligé Husserl a ériger sur cette psychologie descriptive ou phénoménologique et philosophie

³ “Ele critica o cru tratamento empírico de Mill para o objeto da aritmética”(tradução livre do autor).

⁴ “Toda inferência é do particular ao particular. Proposições universais são apenas registros de tais inferências já feitas” (tradução livre do autor).

⁵ “O que Frege almejou não é absolutamente uma análise psicológica do conceito de número. Não é por meio de tal análise que ele espera pelo esclarecimento dos fundamentos da aritmética. “...A psicologia não deve imaginar que poderia contribuir em algo para a fundamentação da aritmética”. Logo se vê a direção que Frege está tomando. (...) Uma fundamentação da matemática em uma sequência de definições formais, no qual todos os teoremas desta ciência possam ser deduzidos puramente de maneira silogística, é o ideal de Frege” (tradução livre do autor).

⁶ “Apenas necessito dizer que já não aprovo a crítica de princípio que havia feito acerca da posição antipsicologista de Frege na minha obra *Filosofia da Aritmética I*, p. 129-132)” (tradução livre do autor).

⁷ “Estes prolegômenos abrangem uma crítica devastadora de todas as formas de psicologismo na filosofia, isto é, de todas as tentativas para conceber as subdisciplinas da filosofia como ramos da psicologia empírica” (tradução livre do autor).

proprement dite”⁸ (BETH et PIAGET, 1961, p. 36).

Uma das principais variações de psicologismo criticado é aquela posição segundo a qual o número é apenas um fenômeno subjetivo (DE BOER, 1978, p. 21), o que seria confundir o objeto formal com o ato de contar e, *mutadis mutandis*, as leis do pensamento lógico também seriam consideradas fenômenos estritamente subjetivos. Husserl observa que “ninguém” aceitaria a primeira tese⁹, mas a segunda parecia mais razoável:

*“Niemand faßt die rein mathematischen Theorien und speziell z. B. die reine Anzahlenlehre als ‘Teile oder Zweige der Psychologie’, obgleich wir ohne Zählen keine Zahlen, ohne Summieren keine Summen, ohne Multiplizieren keine Produkte hätten usw. Alle arithmetischen Operationsgebilde weisen auf gewisse psychische Akte arithmetischen Operierens zurück, nur in Reflexion auf sie kann, was Anzahl, Summe, Produkt u. dgl. ist, ‘aufgewiesen’ werden. Und trotz dieses ‘psychologischen Ursprungs’ der arithmetischen Begriffe erkennt es jeder als eine fehlerhafte {...} an, daß die mathematischen Gesetze psychologische sein sollen”*¹⁰ (HUSSERL, 1922, p. 170).

Tais concepções psicologistas têm pelo menos um aspecto fundamental em comum: segundo Husserl, todas carecem de fundamento (HUSSERL, 1922). Além disso, acrescenta-se outro aspecto comum a estes psicologismos: a tendência reducionista (TIESZEN, 2005):

“tais argumentos [psicologistas] carecem de fundamento. Já vimos que a tendência de querer reduzir uma ciência a outra é comum a muitos especialistas que desejam ver tudo explicado pela

⁸ “Seu antipsicologismo não foi de maneira alguma uma revolta contra a psicologia ou contra sua influência em domínios diferentes, ele é na sua origem apenas uma revolta contra a aplicação de determinados métodos em psicologia e se manifesta em uma tentativa para estabelecer uma psicologia descritiva ou fenomenológica, análoga à física e à química fenomenológicas tais como foram propagadas por Duhens, Mach, Ostwald e Voigt. Como consequência da necessidade de manter esta psicologia depurada a pretensão de possuir uma hegemonia sobre os outros domínios científicos obrigou Husserl a erigir sobre esta psicologia descritiva ou fenomenológica a filosofia propriamente dita” (tradução livre do autor).

⁹ Posição que BALAGUER (1998) classifica como “ficcionalismo”, mas que, supostamente, teve mais defensores do que Husserl poderia imaginar.

¹⁰ “Ninguém considera as teorias matemáticas puras, em especial, por exemplo, a aritmética pura, como ‘partes ou ramos da psicologia’, mesmo que não possamos ter os números se não os contarmos, nem teríamos somas sem o ato de somar, nem produtos sem multiplicar, etc. Todas as operações aritméticas aludem a certos atos psíquicos, em que se levam a cabo estas operações; somente refletindo sobre elas pode-se ‘mostrar-se’ o que é um número, uma soma, um produto, etc. E apesar desta ‘origem psicológica’ dos conceitos aritméticos, todos reconhecem que seria uma ‘metábasis’ errônea considerar as leis matemáticas como psicológicas” (tradução livre do autor). É curioso: se a posição de que a matemática é um ramo da psicologia fosse seriamente assumida, os cursos universitários de matemática provavelmente seriam dados nos departamentos de psicologia, o que é algo absurdo, como observou Husserl: “Nun mag zwar der modernen Psychologie mit ihrem ernsten Streben nach Exaktheit jede Erweiterung um mathematische Theorien höchst erwünscht sein; aber schwerlich wäre sie sehr erbaut, wenn man ihr die Mathematik selbst als Teil einordnen wollte. Die Heterogenität beider Wissenschaften ist eben unverkennbar. So würde auch auf der anderen Seite der Mathematiker nur lächeln, wollte man ihm psychologische Studien aufdrängen, in Absicht auf die vermeintlich bessere und tiefere Begründung seiner theoretischen Aufstellungen. Er würde mit Recht sagen, das Mathematische und das Psychologische sind so fremde Welten, daß schon der Gedanke ihrer Vermittlung absurd wäre; wenn irgendwo, so fände hier die Rede von einer {...} ihre Anwendung” (HUSSERL, 1922, p. 170) - “Ainda que a psicologia moderna, em sua séria pretensão de exatidão, encontre somente aceitável toda colaboração das teorias matemáticas, é difícil que estivesse mais onze o dia em que a matemática fosse incorporada como uma de suas partes. A heterogeneidade de ambas ciências é inegável. Por outro lado, o matemático limitar-se-ia a sorrir se alguém lhe quisesse impor estudos psicológicos sob pretexto de um fundamentação supostamente melhor e mais profunda de suas teorias. Diria, com razão, que os mundos matemático e psicológico são tão diferentes que a simples idéia da conciliação de ambos é absurda; se em alguma parte há aplicação referir-se a uma ‘metábasis eis allo génos’, é aqui” (tradução livre do autor). Apesar de toda esta crítica husserliana, é inegável que fenomenologia colaborou na aproximação de psicologia e matemática.

especificidade preferida, isto é, só dão valor, validez, e exatidão àquilo que pode ser explicado or sua especialidade”¹¹ (SANTOS, 1958, p. 37).

1.2 O LIMITE TEORÉTICO ENTRE PSICOLOGIA E MATEMÁTICA

Para conhecer os objetos é necessário realizar operações psicológicas que são estudadas pela psicologia, mas quais são as diferenças básicas entre os objetos de estudo da psicologia e da matemática? Husserl faz uma distinção que parece resolver a questão. Ele afirma que a primeira trata de fatos e objetos empíricos, assim como as leis dos processos “*reais*” (“*Reales*”) do pensamento que transcorrem no tempo: “*Mit dem Zählen und dem arithmetischen Operieren als Tatsachen, als zeitlich verlaufenden psychischen Akten, hat es natürlich die Psychologie zu tun. Sie ist ja die empirische Wissenschaft von den psychischen Tatsachen überhaupt*”¹² (HUSSERL, 1922, p. 172). A matemática, por sua vez, trata de “*ideale Einzelheiten*”¹³, isto é:

“*Sie handeln vielmehr von Zahlen und Zahlenverknüpfungen schlechthin, in abstrakter Reinheit und Idealität. Die Sätze der arithmetica universalis -- der arithmetischen Nomologie, wie wir auch sagen könnten -- sind die Gesetze, welche rein im idealen Wesen des Genus Anzahl gründen. Die letzten Einzelheiten, welche in den Umfang dieser Gesetze fallen, sind ideale, es sind die numerisch bestimmten Zahlen, d. i. die niedersten spezifischen Differenzen des Genus Anzahl. Auf sie beziehen sich daher die arithmetisch-singulären Sätze, die der arithmetica numerosa. Sie erwachsen durch Anwendung jener allgemein arithmetischen Gesetze auf numerisch gegebene Zahlen, sie drücken aus, was rein im idealen Wesen dieser gegebenen Zahlen beschlossen ist*”¹⁴ (HUSSERL, 1922, p. 172).

Esta consideração sobre a relação entre a matemática e a lógica pura serve, *mutatis mutandis*, para a relação entre a psicologia e a lógica pura, tema relevante para resolver a questão da possibilidade do psicologismo como fundamentação da lógica. Este tema poderia ser abordado também por uma perspectiva estritamente ontológica, isto é, chegando a esta conclusão pelo estudo das “*regiões ontológicas*” ou das “*esferas*” do “*reino da verdade*” que lhe correspondem.

O ponto principal aqui é que há dois sistemas de leis e um não se reduz ao outro e um deles não depende do outro: “*Von allen diesen Sätzen ist keiner auf einen empirisch-allgemeinen Satz zu reduzieren, möge diese Allgemeinheit auch die größtmögliche sein, die empirische Ausnahmslosigkeit im ganzen Bereiche der realen Welt*”¹⁵ (HUSSERL, 1922, p. 172).

¹¹ Mário Ferreira dos Santos chegou a descrever a atitude “*pan-psicologista*” como um “*desejo delirante*” (SANTOS, 1958, p. 28).

¹² “*A psicologia trata naturalmente do contar e do operar com os números, enquanto fatos, enquanto atos psíquicos, que transcorrem no tempo. A psicologia é, de fato, a ciência empírica dos fatos psíquicos em geral*” (tradução livre do autor). Concepção semelhante de psicologia, implicando em refutação semelhante do psicologismo pode ser encontrada na obra “*Psicologia*” de Mário Ferreira dos Santos (SANTOS, 1958, 27-37).

¹³ “*Individualidades ideais*” (tradução livre do autor).

¹⁴ “*Tratam pura e simplesmente dos números e de suas combinações, em sua pureza e idealidade abstratas. As leis da ‘arithmetica universalis’ – da nomologia aritmética, como também se poderia dizer – são as leis que se fundam puramente na essência ideal do gênero número. As últimas individualidades, que caem na esfera destas leis, são ideais, são os números aritmeticamente definidos, isto é, as ínfimas diferenças específicas do gênero número. A estas se referem, portanto, as leis aritméticas-singulares, aquelas da ‘arithmetica numerosa’.* Estas leis surgem mediante a aplicação daquelas leis aritméticas universais a números dados” (tradução livre do autor).

¹⁵ “*Nenhuma destas leis é redutível a uma proposição universal empírica, ainda que esta universalidade seja a maior possível, seja a ausência empírica de toda exceção, no âmbito do mundo real*” (tradução livre do autor). A explicação disto, na linguagem filosófica de Mário Ferreira dos Santos é que a realidade ôntica não pode contrariar a realidade ontológica (SANTOS, 1966).

Não se nega que o matemático atinge seus resultados objetivos por meio de operações subjetivas e psicológicas, mas esta objetividade ideal do raciocínio lógico-matemático define-se pelas condições da lógica pura e pela não-contradição do raciocínio, que está implicado em suas condições “*formais*”¹⁶ e se impõe ao estudioso de matemática ou de lógica, assim como nas demais ciências. O raciocínio verdadeiro tem uma validade “universal”, isto é, uma validade que transcende os limites psicológicos individuais, pois há várias operações e funções psicológicas possíveis para se chegar a um mesmo resultado. Jean-François Lyotard oferece um exemplo interessante para ilustrar essa universalidade própria da lógica pura: “*Do mesmo modo um triângulo retângulo possui uma objetividade ideal, no sentido em que é o sujeito de um conjunto de predicados inalienáveis, sob pena de perder o próprio triângulo retângulo*” (LYOTARD, 1999, p. 17). A validade científica transcende inclusive as relações empíricas que podem lhe servir de apoio, pois há uma passagem dos fatos científicos considerados empiricamente para leis e modelos teóricos, no sentido explicado acima, como mais alguém explicou ao pesquisar sobre os estágios e processos do conhecimento: “*The theorems of scientific theory are not empirically established relations; but, if a theory is true, then between the theory and empirical relations there should be some relations – if not full, at least approximate – of identity and convertibility*”¹⁷ (SMIRNOV, 1970, p. 50).

2 HÁ PSICOLOGISMO NA OBRA *INVESTIGAÇÕES LÓGICAS*?

Spiegelberg define o psicologismo criticado em *Investigações Lógicas* como “*the attempt to derive logical laws from psychological laws*”¹⁸ (SPIEGELBERG, 1994, p. 751).

Na introdução de HUSSERL (1950), Husserl critica aqueles que se limitaram a ver uma psicologia da imanência em *Investigações Lógicas* e destaca a distinção completa entre a fenomenologia transcendental entendida como uma ciência das puras possibilidades essenciais e a psicologia descritiva, que ele passou a considerar como um ramo da psicologia empírica. O fato é que Husserl utilizava esse método da psicologia descritiva destacadamente em *Filosofia da Aritmética*, quando era maior a influência de seu antigo professor Franz Brentano (MOURA, 1989, p.). Nos trabalhos para a reedição de 1913 de *Investigações Lógicas*, Husserl criticou a “*irreführende Charakteristik der Phänomenologie als deskriptiver Psychologie*”¹⁹ (HUSSERL, 2002, p. 312-4).

Mesmo em *Investigações Lógicas*, havia uma influência notável de Brentano, o que Husserl reconheceu na “*Phenomenological Psychology*” (*Psicologia Fenomenológica*) de 1925 e que foi explicado detalhadamente em DE BOER (1978, p.49).

Houve certa confusão na recepção do segundo volume alemão das *Investigações Lógicas*, onde se chegou a identificá-lo com psicologismo, principalmente depois que Husserl aceitou a “*characterization of phenomenology as a descriptive psychology*”²⁰ (DAHLSTROM, 2003, p. 5).

Para Evert Beth, se há psicologismo na *Filosofia da Aritmética*, também há nas *Investigações Lógicas*, pois entre uma e obra e outra houve apenas uma mudança terminológica: “*la différence entre la PA [Filosofia da Aritmética] et le LU [Investigações Lógicas] est pourtant terminologique. Le terme ‘psychologism’ est remplacé par le terme ‘philosophie que dénote pourtant grosso modo le même genre de recherche introspective*”²¹

¹⁶ Formal no sentido de MENDELSON (1987).

¹⁷ “*Os teoremas da teoria científica não são relações empiricamente estabelecidas; mas, se uma teoria é verdadeira, então deverá existir algumas relações entre a teoria e as relações empíricas – se não completamente, pelo menos aproximadamente – de identidade e conversibilidade*” (tradução livre do autor).

¹⁸ “*A tentativa de derivar as leis lógicas das leis psicológicas*” (tradução livre do autor).

¹⁹ “*Enganadora caracterização da fenomenologia como uma psicologia descritiva*” (tradução livre do autor).

²⁰ “*Caracterização da fenomenologia como uma psicologia descritiva*” (tradução livre do autor).

²¹ “*A diferença entre as obras Filosofia da Aritmética e Investigações Lógicas é, portanto, terminológica. O termo ‘psicologismo’ é substituído pelo termo ‘filosofia’, o qual denota, portanto, ‘grosso modo’, o mesmo gênero de pesquisa introspectiva*” (tradução livre do autor).

(BETH et PIAGET, 1961, p. 47). Esta afirmativa faz uma generalização indevida, pois, de fato, há métodos e conceitos psicológicos utilizados na *Filosofia da Aritmética* que permanecessem nas *Investigações Lógicas*²² como foi observado por MILLER (1982), mas há elementos novos, não sendo apenas uma questão de “*princípios diferentes*”, mas uma questão de concepção da ciência lógica, incluindo, por exemplo, a sua finalidade²³. Na obra “*Lógica Formal e Transcendental*”²⁴ Husserl refuta a posição de que há “*psicologismo epistemológico*” nas *Investigações Lógicas*.

3 HÁ PSICOLOGISMO NA OBRA FILOSOFIA DA ARITMÉTICA?

Na *Filosofia da Aritmética*, obra que MILLER (1982) catalogou na segunda fase, Husserl não concordou com a posição de Frege segundo a qual a lógica deveria ser fundada apenas na lógica.

“Worauf Frege es abgesehen hat, ist ganz und gar nicht eine psychologische Analyse des Anzahlbegriffes; nicht von einer solchen erhofft er Aufklärung über die Grundlagen der Arithmetik; ... (...) Eine Fundierung der Arithmetik auf eine Folge formaler Definitionen, aus welchen die sämtlichen Lehrsätze dieser Wissenschaft rein syllogistisch gefolgert werden könnten, ist das Ideal Freges”²⁵ (HUSSERL, 1970, p. 118).

E depois, em uma obra da terceira fase, nas *Investigações Lógicas*, Husserl mudou de posição e concordou com o antipsicologismo fregeano: “Daß ich die prinzipielle Kritik nicht mehr billige, die ich an Freges antipsychologistischer Position in meiner Philosophie der Arithmetik 1. S. 129 -- 132 geübt habe, brauche ich kaum zu sagen”²⁶ (HUSSERL, 1922, p. 169).

Há um argumento forte para a tese de que há psicologismo na obra *Filosofia da Aritmética*: o próprio Husserl parece assumir no começo das *Investigações Psicológicas* que ele mesmo foi psicologista: “*Was aber die freimütige Kritik anbelangt, die ich an der psychologistischen Logik und Erkenntnistheorie geübt habe, so möchte ich an das Goethesche Wort erinnern: "Man ist gegen nichts strenger als gegen erst abgelegte Irrtümer."*”²⁷ (HUSSERL, 1922, p. 8).

Ao tratarmos de um psicologismo hipotético em *Filosofia da Aritmética*, é razoável distinguir o sentido de psicologismo que se trata, pois o gênero “psicologismo” possui várias espécies psicologistas. Há um sentido de psicologismo sobre o qual não cabe discussão, pois este certamente nunca foi praticado por Husserl: aquele que considera os números como fenômenos meramente subjetivos. Este ponto foi reconhecido inclusive por Frege na resenha que fez sobre *Filosofia da*

²² Por exemplo: a distinção husserliana entre os modos de apresentação simbólica ou pro meio de signos (HUSSERL, 1970, p. 38, 193) e a “*eigentlich*” ou autêntica (HUSSERL, 1970, p. 6, 190).

²³ A qual pode ser teórica ou normativa, por exemplo (HUSSERL, 1999a).

²⁴ Conferir §67 do livro citado: “*Le reproche de psychologisme est une incompréhension de la fonction logique nécessaire de la critique transcendente de la connaissance*” ((HUSSERL, 1957, p. 232-5) - “o erro do psicologismo é uma incompreensão da função lógica necessária da crítica transcendental do conhecimento” (tradução livre do autor).

²⁵ “O que Frege almejou não foi absolutamente uma análise psicológica do conceito de número. Não é por meio de tal análise que ele espera pelo esclarecimento dos fundamentos da aritmética. “...A psicologia não deve imaginar que poderia contribuir em algo para a fundamentação da aritmética”. Logo se vê a direção que Frege está tomando. (...) Uma fundamentação da matemática em uma seqüência de definições formais, no qual todos os teoremas desta ciência possam ser deduzidos puramente de maneira silogística, é o ideal de Frege” (tradução livre do autor).

²⁶ “Apenas necessito dizer que já não aprovo a crítica de princípio que havia feito acerca da posição antipsicologista de Frege na minha obra *Filosofia da Aritmética I*, p. 129-132)” (tradução livre do autor).

²⁷ “Em relação à crítica aberta que fiz da lógica e da teoria do conhecimento psicologistas, recordarei as palavras de Goethe: ‘contra nada somos mais severos do que contra os erros abandonados’” (tradução livre do autor). E como é que se poderia abandonar aquilo que não se possuía? Logo, Husserl deve ter sido adepto de tais posições que abandonou e criticou severamente. Na seqüência, interpretar-se-á o sentido de tal “*confissão*”.

Aritmética, onde ele afirmou que a distinção husserliana entre modos de apresentação autêntica e simbólica implica na distinção entre números como objetos da aritmética e números considerados no ato psicológico da contagem, pois tal distinção “*would be inconceivable if numbers were regarded as identical with the acts of presentation themselves*”²⁸ (MILLER, 1982, p. 21), sendo que esta distinção é “*the basic thought of PA*”²⁹ (MILLER, 1982, p. 21). Outra distinção husserliana que elimina tal psicologismo é a distinção entre a representação do número e o conteúdo desta mesma representação (MILLER, 1982, p. 22; HUSSERL, 1970, 218), ou citando as palavras do próprio Husserl para que se possa avaliar a precisão das suas distinções filosóficas:

“*so muß doch überhaupt unterschieden werden zwischen dem Phänomen als solchem und dem, wozu es uns dient oder was es uns bedeutet, und demgemäß auch zwischen der psychologischen Beschreibung eines Phänomens und der Angabe seiner Bedeutung. Das Phänomen ist die Grundlage für die Bedeutung, nicht aber sie selbst*”³⁰ (HUSSERL, 1970, p. 31).

Se na *Filosofia da Aritmética*, Husserl não chegou a declarar “explicitamente” a “objetividade” do número, que não era dito nem algo “*real*”, nem apenas um “*conceito*” (HUSSERL, 1970), pode-se afirmar categoricamente que em tal obra o número já era concebido como algo que permanece invariável em relação ao tempo e aos acidentes psicológicos. Ele deu um exemplo simples e notável: ao se trocar a ordem de apresentação de quatro objetos como A, B, C e D, a sequência temporal de apresentação e a sequência de operações psicológicas será diferente, pois o fenômeno mudou, mas “*Alle diese Unterschiede hebt die logische Bedeutung auf. Die modifizierten Inhalte dienen als Zeichen, als Vertreter für die unmodifiziert gewesenen*”³¹ (HUSSERL, 1970, p. 31).

Philip Miller negou a *comum opinio* de que Husserl tenha cometido o erro de psicologismo³² em relação aos métodos de investigação do conceito de número em *Filosofia da Aritmética* (MILLER, 1982, p. 19). Mesmo Daniel Dahlstrom, que parece inferir psicologismo na filosofia da aritmética³³, concede que “*there is no evidence in his Philosophy of Arithmetic or elsewhere that he ever seriously entertained a theory of the sorts drafted by Mill, Sigwart, Mach or others*”³⁴ (DAHLSTROM, 2003, p. 3). Assim, as soluções obtidas naquela obra não teriam sido psicologistas no sentido pernicioso e criticado em *Investigações Lógicas*, mas tal qualificação se adequaria à posição, que seria a base de um hipotético segundo volume de *Filosofia da Aritmética*, segundo a qual, a lógica seria essencialmente uma disciplina prática, por ser parte da lógica considerada como uma técnica com fins práticos (MILLER, 1982, p. 22-3). Miller defende *Filosofia da Aritmética* como um estudo das estruturas intencionais comparável às *Investigações Lógicas* e essencial para a abordagem madura da filosofia da matemática husserliana (MILLER, 1982, p.23).

²⁸ “*Seria inconcebível se os números fossem considerados idênticos aos atos de representação propriamente ditos*” (tradução livre do autor).

²⁹ “*O pensamento básico de Filosofia da Aritmética*” (tradução livre do autor).

³⁰ “*Temos, em geral, de distinguir entre o fenômeno enquanto tal e para o que ele serve, ou o que ele significa para nós. Da mesma forma, nós precisamos distinguir entre a descrição psicológica de um fenômeno e o juízo a respeito do seu significado. O fenômeno é fundamento da sua significação, mas não é idêntico a ele*” (tradução livre do autor).

³¹ “*A significação lógica fica além de tais modificações. Os conteúdos alterados servem como signos, como representações dos elementos que não foram modificados ali*” (tradução livre do autor).

³² Rollinger se refere ao “*empirismo*” da Filosofia da Aritmética, que Husserl teria herdado de Brentano e abandonado nas *Investigações Lógicas* (ROLLINGER, 1993, p. 85).

³³ As críticas de Frege (1894) à filosofia da aritmética de Husserl teriam lhe capacitado a “*see the error of his psychologistic ways in the days when he worked under Brentano and Stumpf*” (DAHLSTROM, 2003, p. 2) – “*ver o erro dos seus caminhos psicologistas nos dias em que ele trabalhou sob a orientação de Brentano e Stumpf*” (tradução livre do autor).

³⁴ “*Não há evidência em ‘Filosofia da aritmética’ ou em qualquer outro lugar de que ele [Husserl] tenha seriamente desenvolvido uma teoria do gênero delineado por Mill, Sigwart, Mach ou outros*” (tradução livre do autor). Mill e Sigwart são alguns dos “*psicologistas*” criticados nos prolegômenos das *Investigações Lógicas*.

Philip Miller nega que *Filosofia da Aritmética* participou dos sentidos perniciosos do psicologismo (aqueles criticados nos “*prolegômenos às Investigações Lógicas*”), embora reconheça que Husserl possuía uma mentalidade “*genuinamente*” psicologista, isto é, o único sentido em que ele admite o psicologismo na Filosofia da Aritmética é na posição filosófica “*that analysis was a part of logic, while holding, on the other, that logic was an essentially practical discipline*”³⁵ (MILLER, 1982, p. 21), isto é, pela desconsideração com o aspecto teórico da lógica e da análise matemática. Entretanto, essa posição não foi relevante no primeiro volume da *Filosofia da Aritmética*³⁶, mas apenas no segundo volume, isto é, naquele que não foi publicado por Husserl.

BIBLIOGRAFIA

- BALAGUER, Mark. **Platonism and Anti-Platonism in Mathematics**. Oxford: New York: Oxford University Press, 1998.
- BETH, Evert et PIAGET, Jean. **Épistemologie mathématique et psychologie**: essai sur les relations entre la logique formelle et la pensée réelle. Paris: PUF, 1961. 352p.
- DAHLSTROM, Daniel O (org.). **Husserl's logical Investigations**. Dordrecht: Luwer Academic Publishers, 2003. 200p.
- DE BOER, Theodore. **The Development of Husserl's Thought**. Trad.: Theodore Plantinga. The Hague: Martinus Nijhoff Publishers, 1978. 545p.
- HUSSERL, Edmund. **Logische Untersuchungen**: Erster Band, Halle a.S: Max Neimeyer., 1922.
- _____. **Ideen zu einer reine Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie**. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie. Husserliana, Band III. The Hagee: Martinus Nijhoff, 1950.
- _____. **Logique formelle et logique transcendente**: essai d'une critique de la raison logique. Trad.: Suzanne Bachelard. Paris: PUF, 1957. 447p.
- _____. **Philosophie der Arithmetik**: mit ergänzenden texten (1890-1901). Den Haag: Martinus Nijhoff, 1970. 585p.
- _____. **Logische Untersuchungen - Ergänzungsband**. Erster Teil. Entwürfe zur Umarbeitung der VI. Untersuchung und zur Vorrede für die Neuauflage der Logischen Untersuchungen (Sommer 1913). Herausgegeben von Ullrich Melle. Husserliana, Band XX. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2002. 441p.
- LYOTARD, Jean-François. **A fenomenologia**. Trad. Armindo Rodrigues. Lisboa: Ed. 70, 1999. 119p.
- MENDELSON, Eliott. **Introduction to mathematical logic**. New York: Chapman & Hall, 1987. p. 341.
- MILL, John S. **A System of Logic, Ratiocinative and Inductive**: being a connected view of the principles of evidence and the methods of scientific investigation. New York: Harper & Brothers, 1867. 600p.
- MILLER, J. Philip. **Numbers in Presence and Absence**: A Study of Husserl's Philosophy of Mathematics. The Hague: Martinus Nijhoff Publishers, 1982. 147p.
- MOURA, Carlos A. **Críticas da Razão na Fenomenologia**. São Paulo: Nova Stella: Edusp, 1989. 260p.
- ROLLINGER, R. D. **Meinong and Husserl on Abstraction and Universals**: from Hume Studies I to Logical Investigations II. Amsterdam: Editions Rodopi B.V., 1993.
- SANTOS, Mário F. **Psicologia**. 3ª ed. São Paulo: Logos, 1958. 259p.
- _____. **Grandezas e Misérias da Logística**. São Paulo: Matese, 1966. 156p.

³⁵ “A análise matemática era uma parte da lógica, enquanto sustentando, por outro lado, que a lógica era uma disciplina essencialmente prática” (tradução livre do autor).

³⁶ Fazendo algumas exceções em trechos como em HUSSERL (1970, p. 248).

SMIRNOV, V. A . Levels of knowledge and stages in the process of knowledge”. In: TAVANEC, P. V. (org.). **Problems of the logic of scientific knowledge**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Co.,1970, 429p.

SMITH,Barry et SMITH, David W. Introduction. In: SMITH,Barry et SMITH, David W. (org.). **The Cambridge Union to Husserl**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. 528p.

SPIEGELBERG, Herbert. **The phenomenological movement**: a historical introduction. 3a ed. Dordrecht: Boston: London, Kluwer Academic Publishers, 1994. 756p.

STYAZHKIN, N. I. **History of Mathematical Logic from Leibniz to Peano**. Massachusets: The M.I.T. Press, 1969.

TIESZEN, Richard. **Phenomenology, Logic and the Philosophy of Mathematics**. New York: Cambridge University Press, 2005. 368p.

Carlos Eduardo de Carvalho Vargas E-mail: sammmler@gmail.com